

ACREALAGOASAMAZONASAMAPÁBAHIAACEARÁDISTRITOFEDERALESPIRITOSANTOGOIÁS
MARANHÃO MINASGERAISMATOGROSSOMATOGROSSODOSULPARÁPARAÍBA
PERNAMBUCOPIAUÍPARANÁSERGIPERIOGRANDEDONORTERONDÔNIA RORAIMA
RIOGRANDEDOSULSANTACATARINARIODEJANEIRO SÃO PAULO TOCANTINSACREALAGOAS
AMAZONASAMAPÁBAHIAACEARÁDISTRITOFEDERALESPIRITOSANTOGOIÁS
MARANHÃO MINASGERAISMATOGROSSOMATOGROSSODOSULPARÁPARAÍBA
PERNAMBUCOPIAUÍPARANÁSERGIPERIOGRANDEDONORTERONDÔNIA RORAIMA
RIOGRANDEDOSULSANTACATARINARIODEJANEIRO SÃO PAULO TOCANTINSACREALAGOAS
AMAZONASAMAPÁBAHIAACEARÁDISTRITOFEDERALESPIRITOSANTOGOIÁS
MARANHÃO MINASGERAISMATOGROSSOMATOGROSSODOSULPARÁPARAÍBA
PERNAMBUCOPIAUÍPARANÁSERGIPERIOGRANDEDONORTERONDÔNIA RORAIMA
RIOGRANDEDOSULSANTACATARINARIODEJANEIRO SÃO PAULO TOCANTINSACREALAGOAS
AMAZONASAMAPÁBAHIAACEARÁDISTRITOFEDERALESPIRITOSANTOGOIÁS
MARANHÃO MINASGERAISMATOGROSSOMATOGROSSODOSULPARÁPARAÍBA
PERNAMBUCOPIAUÍPARANÁSERGIPERIOGRANDEDONORTERONDÔNIA RORAIMA
RIOGRANDEDOSULSANTACATARINARIODEJANEIRO SÃO PAULO TOCANTINSACREALAGOAS
AMAZONASAMAPÁBAHIAACEARÁDISTRITOFEDERALESPIRITOSANTOGOIÁS
MARANHÃO MINASGERAISMATOGROSSOMATOGROSSODOSULPARÁPARAÍBA
PERNAMBUCOPIAUÍPARANÁSERGIPERIOGRANDEDONORTERONDÔNIA RORAIMA
RIOGRANDEDOSULSANTACATARINARIODEJANEIRO SÃO PAULO TOCANTINSACREALAGOAS
AMAZONASAMAPÁBAHIAACEARÁDISTRITOFEDERALESPIRITOSANTOGOIÁS

CULTURA

COMUNICAÇÃO

CIDADANIA

O jornal que se encontra nas mãos do leitor foi produzido durante a disciplina de Comunicação, Cultura e Cidadania, ministrada durante o 6º semestre do curso de Jornalismo. Esta edição do jornal laboratório Em Foco foi o caminho encontrado para aliar a teoria da sala de aula à prática da profissão, para que os acadêmicos abram suas mentes para temas tão presentes no jornalismo.

A proposta feita aos acadêmicos foi que buscassem as matérias de acordo com suas afinidades e interesses, para isso teriam liberdade de produzi-la de acordo com sua preferência com a condição de que estivesse relacionada ao tripé da disciplina. Tendo em mente que a melhor forma de aprender a fazer jornal é lendo e fazendo jornal, foram usadas as ferramentas que a academia proporciona (neste caso o jornal laboratório com professores que forneçam suporte aos alunos) e a chance de errar na tentativa de encontrar um estilo próprio, pensar a profissão e a identidade de cada um como jornalista. Para tal, os textos não foram editados de forma convencional em que o editor corta ou corrige em prol fluência da narrativa, as únicas alterações recebidas foram correções ortográficas.

Nestas páginas estão matérias não só com a cara de seus autores, mas também que refletem essa busca de identidade profissional, assim como de sul-mato-grossenses, se referindo à arte, música, cultura em geral e cidadania de nossa terra. Boa leitura!



+ comunicação
agência do curso de publicidade e propaganda U C D B

EXPEDIENTE



Em Foco – Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XI - nº 164 – Abril de 2014 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Me. Gilliano Jose Mazzetto de Castro

Pró-reitoria de Administração: Ir. Altair Monteiro da Silva

Coordenador do curso de Jornalismo: Oswaldo Ribeiro da Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158

Revisão, edição de títulos legendas e fios: Acadêmicos do 7 semestre de Jornalismo

Repórteres: Caroline Merlo, Kimberly Teodoro, Yarima Mecchi, Ariel Ribeiro,

Graziela Alberti.

Projeto Gráfico: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação: Jacir Alfonso Zanatta

Tratamento de imagens: Jacir Zanatta

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br

E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br



União - Representantes da escola Juliano Varela se reuniram na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul para defender a causa dos portadores de necessidades especiais

Educação

Pais e professores defendem ensino especial no Brasil

Ensino e inclusão

Caroline Merlo

“Um único modelo de escola não é próprio de sociedades democráticas”. Este foi um dos argumentos usados no movimento em defesa do texto do Plano Nacional de Educação (PNE) da Câmara Federal, baseado na Constituição Federal e na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. O texto, que se refere a Meta 4 do PNE proposta pelo Ministério da Educação (MEC) em agosto de 2012 como alternativa de promover a inclusão social, havia sido aprovado na Câmara dos Deputados com a seguinte redação: “Universalizar, para a população de quatro a 17 anos, o atendimento escolar aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente na rede regular de ensino, garantindo o atendimento educacional especializado em salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou comunitários, nas formas complementar e suplementar, em escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados”.

Em contrapartida, representantes de instituições, profissionais da área e

familiares, se reuniram na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul para defender a causa das pessoas com necessidades especiais e chamar a atenção das autoridades locais em relação a proposta de levar os alunos especiais para dentro das escolas comuns, na chamada “inclusão radical”.

De acordo com o MEC, a execução da Meta 4 acarretaria o fim dos repasses do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) às instituições que oferecem ensino especial, como é o caso da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). A previsão inicial era que esses repasses fossem encerrados a partir de 2017, acabando assim, com a existência de diversas instituições especializadas, decisão que promoveu mais protestos.

“Dessa forma, as pessoas com deficiência ficarão impedidas de escolherem as escolas onde querem estudar e suas famílias, o direito de escolherem a escola onde querem que seus filhos estudem”, ressalta a Mestre em Educação e coordenadora de Educação e Ação Pedagógica da Federação Nacional das Apaes, Fabiana Maria das Graças Soares de Oliveira. Conforme Fabiana, as instituições

filantrópicas sem fins lucrativos, como as Apaes, construíram ao longo dos anos um longo caminho por onde passaram pessoas com deficiência, especialmente aquelas com graves complexidades que o poder público não atendia. São instituições que surgiram de movimentos de pais, profissionais e das próprias pessoas com deficiência. “Nosso compromisso é lutar para que a verdadeira cidadania das pessoas com deficiência seja realidade, bem como a expressão máxima dessas pessoas na sociedade, com acesso, permanência e percurso educacional com sucesso, mas tendo o direito de escolha respeitado”.

Para a coordenadora pedagógica da Escola Juliano Fernandes Varela, instituição especializada em pessoas com a Síndrome de Down, Rosely Gaioso, o argumento não é diferente. “Devemos entender que a sociedade deve se adaptar ao deficiente e não o deficiente à sociedade. Isso é inclusão. Não podemos ser hipócritas a ponto de pensar na inclusão sem respeitar as limitações de cada pessoa, mas para que essa inserção ocorra da maneira correta, é preciso que o todo o sistema de ensino esteja preparado, com o devido atendimento e acompanhamento. E, antes de tudo, é preciso que os pais tenham alternativas e direito de escolha”.

O texto da Meta 4 e suas estratégias, circulou pelas redes sociais como se tivesse sido acordado pelas organizações não governamentais (ONGs). Porém, a maioria dessas entidades defende a existência das escolas especiais aos alunos,

principalmente aqueles com graves comprometimentos e que necessitam de apoios intensos que a escola comum não consegue prover. “Com o modelo de escola regular atual, as escolas especiais precisam existir, porque as pessoas com deficiências muito severas precisam desse ensino diferenciado. Se acabarmos com as escolas especiais, estaremos condenando muitas pessoas com deficiência a passar o resto de suas vidas dentro de casa. Estaremos excluindo-as do convívio social”, argumenta Rosely.

Para a aposentada Jussara da Costa Weber, e mãe da portadora da Síndrome de Down, Isis Larissa Weber Echeverria, de 22 anos, este é um processo de médio e longo prazo, uma cultura que deve ser vista de modo diferente por todos, inclusive pela família. “Acredito que a inclusão será possível, quando todos nos aceitarmos como somos e tivermos a capacidade de olhar o outro como um de nós. E para saber qual é a melhor escola para crianças com necessidades educacionais especiais é preciso ouvir a criança, os familiares que acompanham sua aprendizagem e a escola”, destaca. “Sabemos ainda hoje, que é necessária a inclusão de todos. O problema social de nosso país é muito grande, e os interesses políticos são descomunais. Se os homens públicos pensassem no bem comum, o processo seria bem mais rápido”, concluiu Jussara.

Mesmo depois que a notícia deixa de ser novidade, os jornais mantêm a importância tornando-se documento histórico

Imprensa: Retrato de Mato Grosso do Sul

Kimberly Teodoro

A mídia tem um papel importante no contexto social em que vivemos, tanto como reprodutora quanto formadora de opinião pública, um papel de grande responsabilidade. Mesmo depois que a notícia “esfria” e deixa de ser novidade, os jornais mantêm sua importância tornando-se documentos históricos, como os exemplares que estão disponíveis para consulta no Arquivo Histórico de Campo Grande (Arca).

Em comparação aos jornais atuais, é perceptível que o formato dos textos e das páginas não parou no tempo, e é possível dizer que a história da comunicação campo-grandense caminha ao lado da história da própria cidade, trabalhando juntas na formação da imagem sul-matrossense.

Com 36 anos de profissão, o jornalista Edmir Conceição é o tipo de profissional que acompanhou as mudanças do mercado e soube se adaptar a elas. Ele leva na bagagem experiências adquiridas durante sua passagem por vários meios de

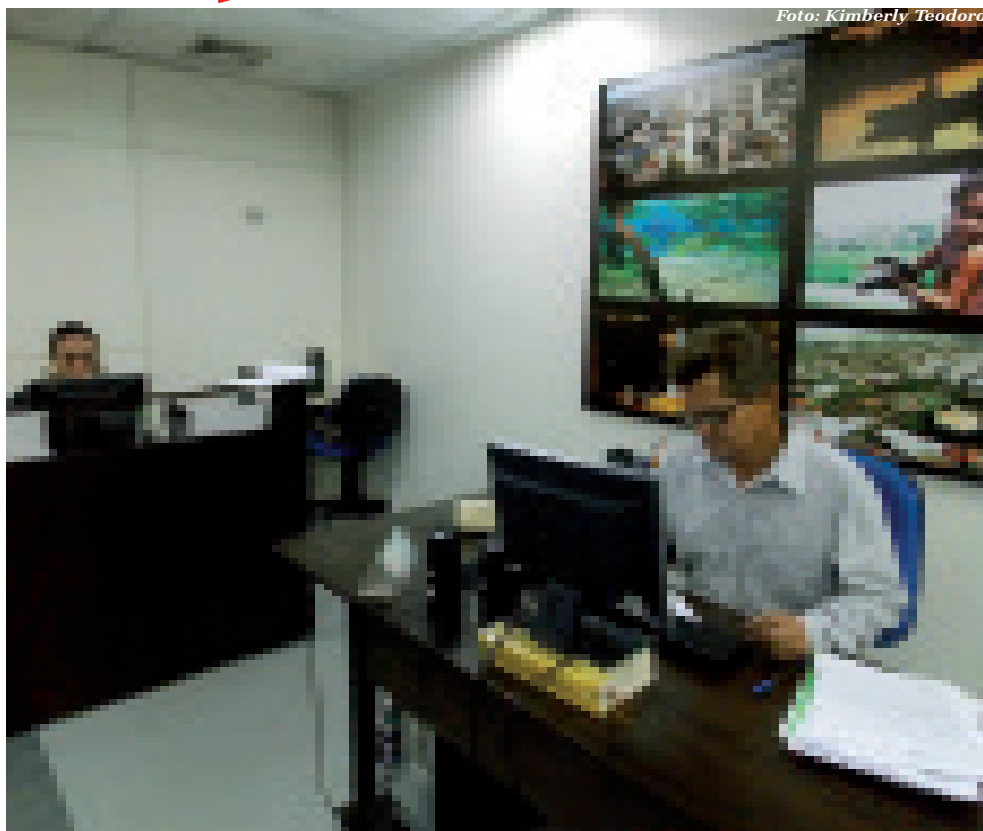


Foto: Kimberly Teodoro

Experiência - Edmir, jornalista há 36 anos, relata que se adaptou as mudanças

comunicação e observa que atualmente o repórter precisa estar preparado para cumprir diversas funções no universo da comunicação multimídia. Ressalta também que “O repórter precisa perceber o que está a sua volta, as grandes reportagens

são feitas na rua, enquanto estamos aqui conversando, os acontecimentos estão explodindo lá fora”, afirma Conceição.

“Eu acredito que Campo Grande precisa ser observada do ponto de vista urbano e da qualidade de vida”, diz o

jornalista quando questionado sobre as notícias produzidas a respeito da região. “A abordagem da imprensa sobre Campo Grande tornou-se repetitiva, fatos históricos são importantes, mas as matérias feitas sobre eles só dizem o que todo mundo já sabe. A notícia que vira manchete é aquela que tem maior interesse para o público. É aí que precisamos prestar atenção, trabalhar em cima de novas pesquisas a aplicar ao contexto, por exemplo, os jovens estão se envolvendo mais com o quadro político, coisas como essas merecem ser melhor trabalhadas”, completa.

Quando a mídia não trabalha todas as possibilidades que têm em mãos, quem perde é o público. A estudante Larissa Melo veio do Rio de Janeiro recentemente para cursar Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, afirma que “não conhecia muita coisa daqui, achava que podia ser uma boa mistura de interior e cidade grande. Os grandes jornais não costumam sair desse eixo de Rio/São Paulo e raras vezes falam alguma coisa sobre Mato Grosso do Sul”. A jovem fala de como foi a adaptação a nova cidade: “eu senti um choque cultural muito grande, achei as pessoas um pouco grosseiras. Mas existem outras questões que chamam mais a atenção como o fato de que o transporte público é insuficiente, têm poucos táxis rodando pelas ruas, além da pouca valorização da própria cultura. Por outro lado existem questões muito interessantes como a variedade e o preço da alimentação. O Estado é um ponto de encontro da culturas e quando você se acostuma com isso vale a pena morar aqui”.

Por outro lado a estudante de Engenharia Química, da Universidade do Vale do Paraíba (Univap), Luciana Bonani, 20 anos que nunca veio ao Mato Grosso do Sul, mas conhece Estado pelo que os amigos que moram aqui contam. Ela confessa que acha estranho alguns costumes como por exemplo, “tomar chá de mato” e diz que às vezes o soquete dos amigos soa engraçado. “Se não tivesse amigos morando no Estado, dificilmente eu saberia que o chá de mato é na verdade tererê e que faz parte da cultura local”. Segundo ela, Mato Grosso do Sul não recebe muita atenção da mídia, então é difícil ter notícias da região. Para a estudante, o que chega são informações contadas pelos amigos. “A imagem que muita gente por aqui ainda constrói é de uma cidade de interior, com ruas de terra”, conclui.

HISTÓRIA

Arquivo preserva riquezas

Kimberly Teodoro

Mato Grosso do Sul conta com um importante aliado na preservação de sua história: O Arquivo Histórico de Campo Grande (Arca), responsável por guardar, preservar de forma organizada e disponibilizar os principais documentos que contam a história do estado. O Arca é composto por fotografias, documentos textuais (livros, processos e jornais), provenientes do Poder Executivo Municipal e doações vindas de coleções particulares. O arquivo fica aberto ao público das 8h às 17h30min, de segunda a sexta-feira.

Visitar o arquivo possibilita começar uma viagem ao ano de 1905 (data dos primeiros documentos conservados), conhecer todos os detalhes da construção do Estado e da sua identidade. É entrar em contato com a riqueza cultural oferecida por Mato Grosso do Sul enquanto percorre os registros que o trarão de volta ao ano de 2014. Segundo Leoneida Ferreira, coordenadora do Arca, embora o acervo esteja aberto ao público em geral, o perfil de seus consulentes são alunos desde o ensino fundamental ao ensino superior. Acessar o arquivo é um processo simples, em que o interessado em consultar os documentos só precisa preencher um formulário de atendimento ao usuário, é esse formulário que garante o feedba-

ck do trabalho realizado e estabelece um controle do material consultado.

Em 22 anos de existência preservando um pedaço da história do Estado e da cidade de Campo Grande, o Arca tem cumprido seu objetivo além de desenvolver atividades culturais para resgatar a memória social. Atualmente as visitas podem ser agendadas por escolas ou entidades interessadas. O material é composto por 20 banners com reprodução das imagens históricas. As exposições fazem parte do processo de aproximação do Arca com a comunidade, no entanto Leoneida destaca que não ter uma sede própria é um obstáculo nesse processo e coloca em risco a integridade dos materiais, que embora sejam transportados com o maior cuidado, precisam ficar em local adequado. Anualmente o Arca resgata parte da história disponível no arquivo em edições da Revista ARCA, uma publicação de caráter cultural e educacional.

Muitos imaginam onças e jacarés andando junto aos carros

Mato Grosso do Sul o Estado rotulado

Kimberly Teodoro

Podemos resumir o estado de Mato Grosso do Sul objetivamente nos seguintes dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE): 2.587.269 habitantes distribuídos por 79 municípios, em uma área de 357.145,532 km². No entanto, números são completamente desprovidos de valor se não vierem acompanhados de memória social, portanto acrescentaremos aqui o grande clichê que acompanha o retrato de qualquer cidade brasileira: a diversidade cultural que deu origem à colcha de retalhos que hoje reconhecemos como nossa identidade.

É inegável a necessidade tanto individual, quanto coletiva de encontrar uma identidade, criar uma imagem própria que vai nos diferenciar dos demais. Esse é um processo influenciado pela extensão territorial, pelas etnias encontradas na região, pela mistura da bagagem cultural que cada indivíduo carrega e outros inúmeros fatores que formam as tradições que vão resultar na memória social e responder à perguntas básicas como: “Quem sou eu? De onde venho? O que estou fazendo aqui?” E possivelmente um “Para onde vou?”.

Pois bem, após anos de divergências políticas e reivindicações populares, finalmente respondemos a primeira pergunta! Graças ao Presidente Ernesto Geisel que assinou o Decreto-Lei que desmembrou Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, no dia 11 de outubro de 1977 passamos a ser ofi-

cialmente sul-matogrossenses. Caracterizado por seus meios de comunicação como um Estado promissor e geograficamente favorecido, as manchetes deixavam claro o olhar lançado ao estado pelo povo e de seus representantes, que movidos pela ânsia do desenvolvimento, enxergavam em Mato Grosso do Sul o filho prodígio que acabara de dar os primeiros passos em direção aos novos caminhos que se estendiam no horizonte, e que não tardaria a estar entre os mais importantes do país. Uma opinião que naquele 11 de outubro foi estampada em faixas e cartazes por toda a cidade, enquanto a população saía em ritmo de festa pelas ruas, com um sentimento de vitória que criava fortes laços entre o povo e seu agora reconhecido território. Assim, hoje 36 anos depois, somos capazes de estufar o peito para dizer que somos sul-matogrossenses.

Este orgulho todo, além dos laços criados pela vitória do reconhecimento e da autonomia, também inclui a imagem que formamos do estado e de seus nativos: gente alegre, festeira, com costumes que conciliam a vida do campo com a vida da cidade, o sagrado tererê que reúne os amigos, com uma capital fortemente marcada pela zona rural, arborizada e que atrai pela qualidade de vida que pode proporcionar contendo o essencial das cidades grandes em um ambiente acolhedor de cidade do interior.

Ainda assim, existem aqueles que ignoram toda a construção de identidade da qual o sul-matogrossense tanto se orgulha, para grande parte do país, ainda somo Mato Grosso. Há também aqueles com alguma sorte e que reconhecem o estado como “a terra



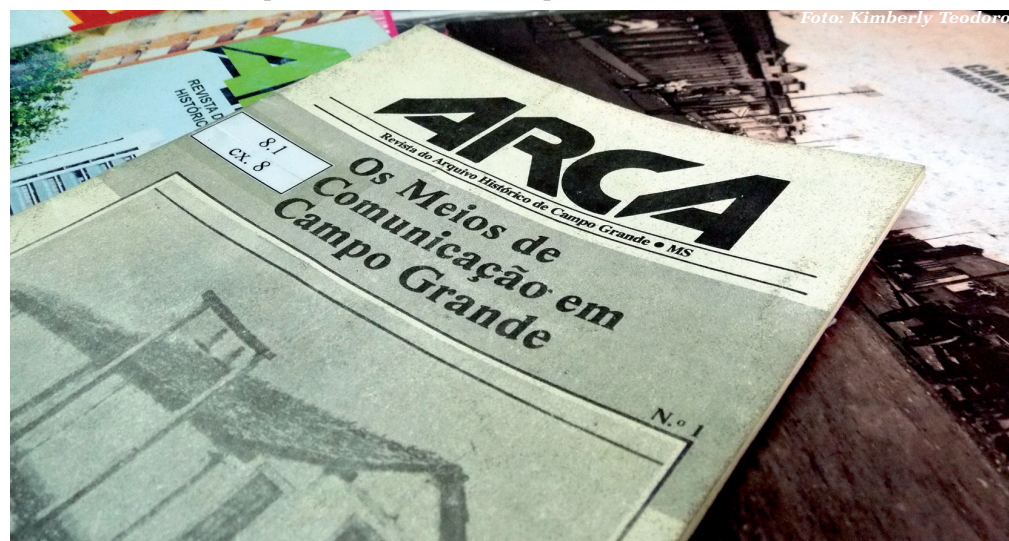
Diversão - Praça Ari Coelho faz parte da história sul-matogrossense

do Luan Santana”, que imaginam o chapéu de cowboy, a bota de couro e a fivela do cinto do tamanho de um CD, acessórios obrigatórios na maneira de vestir do sul-matogrossense. E não podemos esquecer dos que acreditam que onças e jacarés podem ser encontrados andando no meio da rua junto a carros de boi e cavalos, e é claro que nessas mentes imaginativas as ruas são de terra!

Talvez possamos culpar a falta de conhecimento histórico do próprio país, quem sabe a culpa é da má educação das escolas públicas, ou da falta de interesse em conhecer uma cultura que esteja além do pensamento limitado de quem vive “dentro da caixa”. Não desmereço as respostas indignadas de “DO SUL! Mato Grosso do Sul”, direcionadas a essas pessoas, mas devemos assumir nossa parcela de culpa: a verdade é que somos responsáveis pela imagem que transmitimos do estado, se em outras regiões do país as pessoas têm estereótipos que já eram velhos duas décadas atrás. Tão pouco fazemos algum esforço para mostrar o contrário. Uma das grandes culpadas por essa imagem é a própria mídia, que teve seu interesse voltado para Mato Grosso do Sul apenas durante o boom causado no cenário político e econômico do país, anos atrás na criação do estado. A própria imprensa regional, que antes dava ao filho prodígio de uma população orgulhosa destaque e importância ressaltando seu otimismo em relação ao papel que um dia por ele seria desempenhado, hoje estimula a imagem retrograda,

alimentando o quadro nacional com informações repetitivas com destaque no potencial rural do estado, em casos policiais dramáticos, problemas na segurança da fronteira, tráfico de drogas, contrabando e situações inusitadas de animais silvestres que ocasionalmente aparecem e até mesmo para os próprios sul-matogrossenses, ao abordar sempre da mesma forma a história regional, fazendo com que toda a riqueza cultural seja banalizada, se torne cansativa. Na contramão desse fluxo de informações que passamos ao resto do país, recebemos constantemente interferência cultural e aceitando a ideia implantada pelos grandes centros comerciais de que os produtos regionais não tem qualidade, incorporando tudo o que a mídia vende como padrão de excelência.

Vamos sim continuar tendo nossa cultura rotulada como atrasada e continuar ouvindo coisas que tanto nos desagradam e sendo confundidos com Mato Grosso pelos apresentadores das grandes empresas midiáticas que faltaram a aula de geografia, até aprendermos a valorizar a qualidade de vida, os lugares históricos, a produção artística de conteúdo, e toda a tão clichê multiplicidade que construiu o Estado. Encher o peito para dizer que é sul-matogrossense e corrigir nas redes sociais os apresentadores (que não lêem as correções feitas, já que continuam errando), não adianta enquanto continuarmos consumindo como extraordinário o que nos é imposto por eles.



Pesquisa - O lugar é aberto ao público em geral das 8h às 17h de segunda a sexta-feira

No Estado onde a música sertaneja predomina há também espaço para quem curte o estilo clássico do Rock in Roll

Sertanejo em Mato Grosso do Sul

Yarima Mecchi

Em Mato Grosso do Sul é comum as pessoas gostarem de música sertaneja. Mas, como entender que essa é a cultura do Estado ou uma influência da mídia? Como alguém não se influencia pelo estilo que predomina nas rádios locais? Em entrevista duas sul-matogrossenses, uma que gosta de rock e outra de sertanejo, afirmam que o gosto pelo estilo que escolheram vai além da influência da mídia. A estudante, Lorrany Reis, garante que sempre escutou música sertaneja e o gosto pelo estilo vem sendo passado pelas gerações de sua família. “Desde pequena escuto sertanejo. Minha avó era paraguaia, e adorava escutar polca e chamamé. Meu avô era nordestino e não abria mão das modas do grande Tião Carreiro”, lembra.

Mesmo tendo nascido em MS, Maria Izabel Costa é adepta do rock e sua influência também foi à família. Mas morando em Campo Grande acaba ouvindo a música que cativa à maioria da população. “É impossível não ouvir sertanejo morando em um estado onde o estilo é predominante. Se você liga a rádio toca sertanejo, você acaba ouvindo. Meu pai é fascinado por rock clássico e minha mãe por metal e rock, fui criada ouvindo Led Zepelim, Queen, Beatles, entre outros”, garante, se referindo a bandas conhecidas mundialmente por tocarem rock.

Mesmo afirmando que o gosto pela música sertaneja não é de influência pela mídia, Lorrany afirma que já viu algumas pessoas mudarem de estilo, não apenas de gosto musical, mas na forma de se vestir também. “Tem pessoas como eu, que foram criadas em famílias onde o sertanejo é tradição e outras que são influenciadas pela mídia. Já vi ‘metaleiro’ virar ‘cowboy’, porque o que mais toca nas rádios é o estilo sertanejo e isso não muda somente o estilo musical, muitas vezes até o de se vestir”, ressaltou.

Maria Izabel relata que escuta o estilo escolhido pela maioria em MS, mas que nunca deixou a influência das rádios ultrapassar o seu gosto musical. “Conheço a letra de várias



Diversão - Maria Izabel gosta de Rock'n Roll e afirma que sempre recebeu apoio da família com relação ao seu gosto musical

músicas regionais. De vários cantores da terra, não por gosto mas por cultura”. Ao serem indagadas sobre qual rádio escutam, ambas são categóricas. “Eu não escuto rádio. Quando estou dirigindo ouço CD ou mp3 e no ônibus escuto música no celular”, garante Maria Izabel. Já Lorrany diz escutar a rádio local que

tem em maior parte de sua programação apenas músicas sertanejas.

As sul-matogrossenses afirmaram que vão continuar seguindo o estilo que escolheram e que respeitam a opção dos amigos que não tem o mesmo gosto musical. “Se arrumar um amigo que goste de rock por exemplo, não tem problema,

escuto rock com ele, mas ele vai escutar meu sertanejo também”, ressaltou Lorrany. Já Maria Izabel afirma que o mais importante é que haja respeito entre as pessoas. “Se algum amigo está ouvindo sertanejo eu até canto junto. Nunca crio confusão por estilo musical, cada um tem seu próprio gosto. Basta haver respeito”, concluiu.

Compromisso que valoriza a profissão

Ariel Ribeiro

Com o avanço tecnológico, o jornalismo se modificou em relação ao que era alguns anos atrás. Isso demonstra que o fazer jornalístico vem sofrendo várias alterações.

A agilidade com que as notícias se espalham caracteriza uma produção industrial da notícia e uma competição de “furos”, o que faz com que a apuração, essencial ao jornalismo, seja posta de lado. Neste aspecto, remeter aos portais de notícia e aos vários achismos por eles publicados é quase que instantâneo.

Para a jornalista Elcilene Holsback que trabalha como assessora de imprensa, a internet e os meios virtuais de modo geral são benéficos a difusão da informação, porém oferecem riscos à qualidade da mesma quando mal utilizados por aqueles que produzem a informação. “A internet tornou tudo muito rápido, o que por um lado é ótimo, apresenta os fatos praticamente em tempo real. Contudo, por outro lado, essa “necessidade” de agilidade, muitas vezes faz com que o jornalista deixe de lado o princípio básico do jornalismo, ou seja, a apuração dos fatos, a importância de ouvir todos os lados de um acontecimento, a abordagem imparcial. Com isso, muitas vezes vemos notas repletas de erros e pré-julgamentos, o que não é o papel do jornalista”, ressalta Elcilene.

O uso de personagens e declarações ao longo de uma matéria é importante para a comprovação da veracidade dos fatos, porém, um aspecto preocupante é o surgimento de textos que se apoiam 100% em declarações, aspas, que definem um “jornalismo declaratório” que isenta, por exemplo, a responsabilidade do jornalista com as informações publicadas considerando que “não foi” ele quem disse.

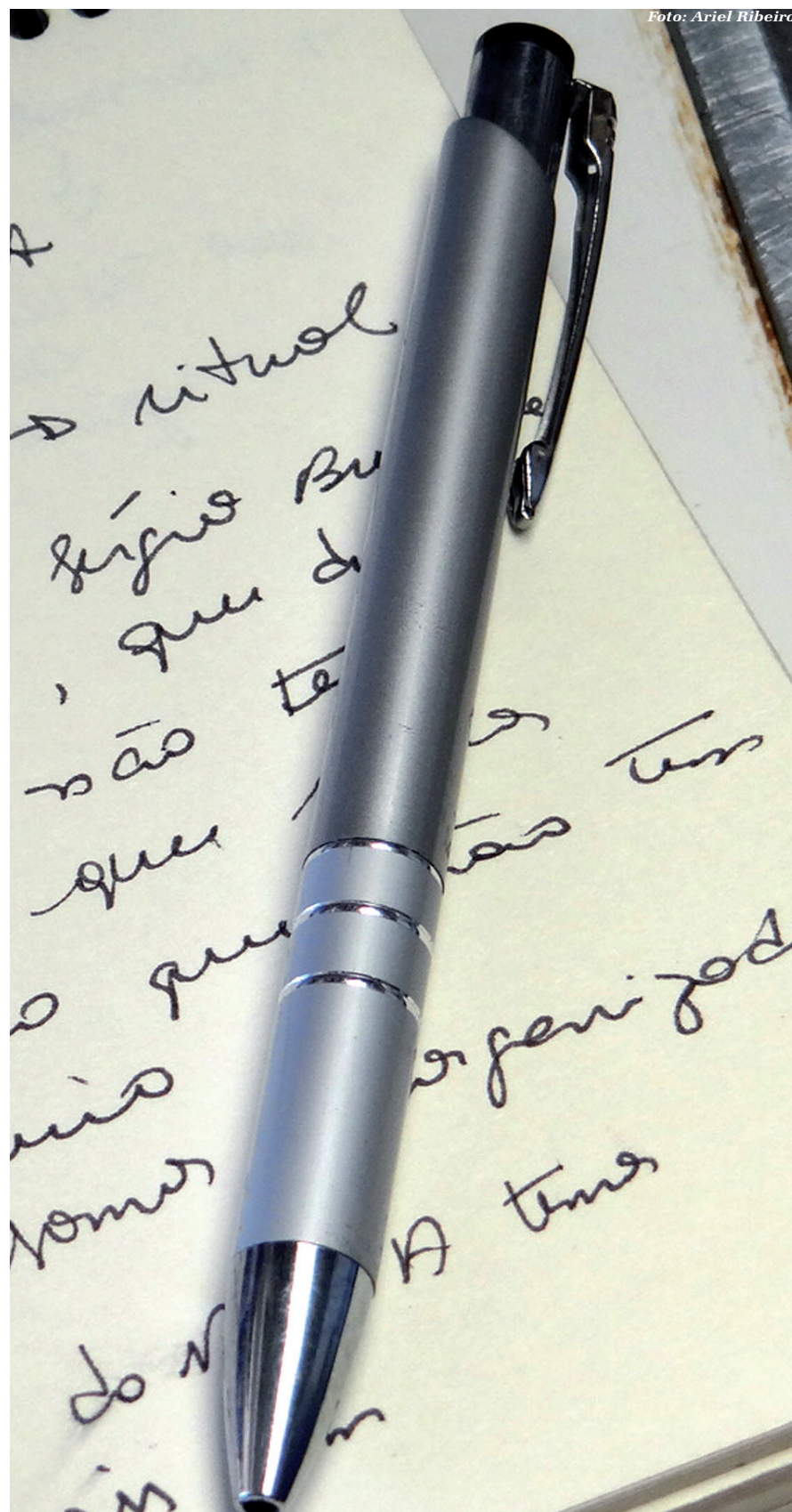
Para a acadêmica do 5º semestre de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Thais Davis, o uso de declarações são necessárias, mas não devem ser utilizadas de forma deslocada no texto. “Em algumas matérias é muito importante que haja a fala de terceiros, mas os profissio-

nais do jornalismo devem ter senso e saber utilizá-las, a fim de não produzir um conteúdo fundamentado apenas em ‘aspas’, pois além desse tipo informação tirar a identidade de quem produz a notícia, pode causar inúmeros problemas quando a informação não é realmente apurada, o que pode tirar a credibilidade tanto do jornalista, quanto da empresa (veículo) que publicou a notícia. Deste modo, é de extrema importância que os jornalistas verifiquem a fundo as informações que eles inserem em suas matérias, pois a sociedade precisa de informações nas quais elas possam confiar”, diz a estudante.

Ao mesmo tempo em que os erros provocam uma crise de nervos em quem é companheiro de profissão, para os leitores essas matérias podem ser muito cômicas.

Depois de ter acompanhado uma série de reportagens a respeito do futuro de seu time, o acadêmico de Artes Cênicas e corinthiano, Bruno Loíacono (23), achou cômico quando percebeu a imprensa, perdida, causando furor e provocando a difusão de boatos. “Alguns jornalistas fazem de tudo pra chamar atenção, principalmente no meio esportivo. Não importa se a notícia é falsa ou se não é confirmada, se da polêmica e faz barulho, parece valer a pena. E talvez a culpa nem seja deles, talvez seja uma questão histórica que faz com que o povo acredite em qualquer tipo de notícia, dando ao jornalista um poder de controle muito grande”, conta Bruno.

Para a melhoria desse quadro que vem sendo pintado por um não comprometimento com a profissão de ser jornalista, investigador e intelectual, Elcilene sugere algo muito simples e efetivo para a que essa situação seja revertida. “Acredito que é através de acadêmicos que compreendam a importância da ética na profissão, de profissionais que se recordem que já conheceram estes fundamentos essenciais, assim como a apuração detalhada, sem ‘preguiça’, sem achismos, sem se embasar na opinião ou naquilo que terceiros disseram ou escreveram, é que esse situação pode



Cuidado - O jornalista tem o seu olhar, mas deve respeitar a veracidade dos fatos

melhorar. A apuração é individual, cada jornalista tem seu olhar e deve ouvir atentamente o que suas fontes dizem em palavras, gestos, prestar atenção em cada detalhe e respeitar os fatos, sem inventar, sem criar ou sem achar. Somos narradores de fatos, imparciais, e acima de tudo, devemos ser éticos”, diz a jornalista.

O Código de Ética do Jornalista, atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, no ano de 2007, diz em seu decorrer que o jornalista tem compromisso com a verdade e que deve se pautar na apuração minuciosa dos fatos, além de ter o dever de valori-

zar, honrar e dignificar a profissão.

O jornalista tem uma função muito importante dentro de uma sociedade e por isso deve prezar sempre pela ética e pela melhor forma de desenvolver seu trabalho. “Os profissionais dessa área devem levar em consideração que as pessoas os veem como porta-vozes da notícia, e que eles tem muita credibilidade depositada neles e não podem fazer com que eles percam esse mérito. Assim, devem fazer seu trabalho com excelência e cuidado”, finaliza Thais.

Psicóloga afirma que existem exceções em casos de ecletismo e a adolescência é a fase em que a insegurança predomina

Gosto não se discute **já diz** o ditado

Graziela Alberti

Nossas escolhas e gostos constituem quem somos, nossa identificação em meio à tantos rostos e personalidades diferentes presentes na sociedade. O que acontece com grande frequência é uma pequena confusão ao tentar compreender o outro. É comum ouvirmos alguém afirmar ser absolutamente contra regimes totalitários e ser defensor fervoroso do capitalismo, ou então o cidadão reconhecidamente cowboy contar sobre o show da noite passada de uma de suas bandas favoritas: CPM 22.

Este é o mundo moderno, tomado por indivíduos de gosto flexível e fáceis de agradar, a essas pessoas da-se o nome de eclético. O Ecletismo é um método científico ou filosófico que busca unir e conciliar teorias distintas, não formando uma nova, mas apenas conectando duas ou mais propostas para definição de algo. É uma forma diferente de escolha que por sua vez pode acarretar uma grande liberdade ou até mesmo um problema de aceitação.

Bárbara Butkenicius, acadêmica de biologia, afirma que ser eclético não tem nada a ver com crise de identidade. “Sou eclética sim. Gosto de vários estilos, vários gêneros musicais, e diversos tipos de filme. Nem por isso me confundo quando alguém pergunta quem sou eu, quais minhas preferências. Tenho uma identidade e sei exatamente defini-la”, comenta.

Uma das questões que a proposta do ecletismo trás é o fato de a partir do momento em que o indivíduo gosta de variadas coisas, absorve informações sobre as mesmas. Porém, seu conhecimento em todas as áreas de interesse pode se tornar raso. Sendo grande o número de informações enviadas ao cérebro, em função dessa profusão de informações, uma quantidade mínima e deslocada de informações serão realmente guardadas. Dessa forma, o que poderia ser uma ferramenta interessante para a liberdade de expressão se transforma em problemática do conhecimento.

Dandara Oliveira, acadêmica de contabilidade, acredita que ter apenas um gosto não é um defeito, mas



Foto Montagem: Graziela Alberti

Gosto - Ecletismo divide opinião entre jovens e adultos sendo que a escolha do gosto contribui para a identidade de cada um

sim uma vantagem. “Sou bem resolvida com meus gostos. Tenho preferências e creio que elas auxiliam na construção da minha identidade.”

Segundo a psicóloga Sheila Brusama-

rello, assim como em vários aspectos da vida, quando se fala em ecletismo, existem exceções. “Claro que existem casos, principalmente na adolescência, onde há insegurança ou receio da discordância e

então o ecletismo surge para auxiliar neste processo. Mas realmente existem pessoas que gostam de variadas coisas e buscam se aprofundar cada vez mais pelo simples fato de gostar”, ressalta a psicóloga.